

A batalha de Boyacá em agosto de 1819 - Mola mestra da quebra do domínio espanhol na América do Sul e dado histórico que deve incentivar o debate sobre uma **SEGUNDA INDEPENDENCIA** do subcontinente latino-americano

Thomas A. Mitschein

Agosto/ 2020

Vindo dos llanos venezolanos, o exercito libertador de Simão Bolívar levou à cabo na primeira semana de julho em 1819 a travessia do Páramo de Pisba que chega a uma altura de ate 4000 metros acima do mar. Enfrentou nesta região andina uma rota que, pelos seus terrenos úmidos, seus ventos gelados, seus abismos assustadores ou pela caída de granizos, lhe garantiu um efeito de surpresa, uma vez que o alto comando das tropas ibéricas não acreditava que as adversidades geográficas e climáticas deste território pudessem ser superadas por milhares de pessoas, carregadas de material bélico e logístico. De qualquer maneira, a vitória das tropas patriotas, alcançada de forma convincente no 7 de agosto do mesmo ano no campo de batalha, acabou modificando sensivelmente as relações de poder entre os rebeldes e o exercito de dominação da Espanha. Algo que o General Pablo Morillo (1775 – 1837), o pacificador mor na América Andina, deixou bem claro em seu comunicado ao Ministro da Guerra da Espanha (cit.in: Arana 2015, p. 247):

“O sedicioso Bolívar ocupou imediatamente a capital de Santa Fé (de Bogotá), e o fatal êxito dessa batalha colocou à disposição (...) os imensos recursos de um país muito povoado, rico e abundante, de onde extrairá o quanto necessite para continuar a guerra (...). Essa desgraçada ação entrega aos rebeldes, além do reino de nova Granada, muitos portos no mar do Sul, onde são acolhidas seus piratas; (...) todo o interior deste continente até o Peru (...) está à mercê de quem domina Santa Fé (...). Agora, não serão suficientes 8 mil homens para reconquistar o que nos perdemos (...) em terreno com uma só ação desgraçada, quanto tantos triunfos conseguidos pelas armas de Sua Majestade anteriormente fizeram mais que submeter o país que pisávamos.”

Contudo, não é nossa intenção de focalizar aqui e agora as façanhas militares de um exercito de libertação, difamado pelos nobres oficias espanhóis como um bando de índios e mestiços covardes. O que nos interessa é chamar atenção que a Guerra de libertação dependia da construção de um arranjo social que, em principio, não era do interesse da elite crioula. Mas foi viabilizado por um Bolívar que, por mais que

tenha sido membro destacado desta mesma elite, iria se revelar um verdadeiro gigante latino-americano pelas suas sacadas e habilidades político-militares no processo da viabilização da independência da América do Sul de língua espanhola.

II

Não pode haver dúvida de que, após a revolução americana, os crioulos da América do Sul estavam ansiosos para se livrarem dos privilégios políticos e econômicos dos agentes coloniais da Espanha. Contudo, na realidade nua e crua do seu cotidiano, este segmento social ficava assustado com a possibilidade das classes subalternas, após a superação do vigente regime colonial, pudessem se posicionar contra a estabilidade política interna. Certamente, se lembravam das revoltas de Tupac Amaro II e de Tupac Catari que, nos anos 80 do século XVIII, tinham mobilizado os indígenas de todo o Altiplano em torno da esperança messiânica do retorno do Inca como ponto de partida de uma sociedade justa e sem exploração colonial. Além disso, a revolução dos *jacobinos negros de São Domingos* (James 2000) que, em janeiro de 1804, levou à constituição do primeiro estado independente da América Latina, tinha demonstrado com nitidez que era perigoso de brincar com fogo. E tais preocupações vieram a tona na assim chamada *Segunda República da Venezuela*, constituída pelos patriotas nos anos de 1813 e 1814. Nela, Tomas Boves (1782- 1814), um *outlaw* espanhol conseguiu puxar para o seu lado uma grande parcela de gente de cor majoritariamente escravizada, criando com eles uma frente militar que deu suporte à retomada do domínio espanhol e se destacava pela sua crueldade e suas atrocidades contra os patriotas. **O que fazer diante de uma guerra de raças desta natureza?**

Ao voltar em junho de 1816 de Haiti, Bolívar decretou “a liberdade absoluta dos escravos que padeceram sob o jugo espanhol nos três séculos passados.” (cit. Arana 2015, p. 197) E naquele momento, não obstante as inseguranças, que ainda deixavam duvidoso o desenrolar da guerra pela independência, a Deusa da dialética social começava a dar os seus primeiros sorrisos ao Libertador justamente nos

Llanos, região situada na Bacia do Orinoco, a partir da qual Boves tinha iniciado sua marcha vitoriosa contra Caracas. Foi nesta planície, por sua vez famosa pela sua bovinocultura e seus hábeis vaqueiros, onde acabou surgindo com Jose Antonio Paez (1790- 1872) um novo líder regional que, na batalha de Mucuritas em janeiro de 1818, passou as tropas espanhóis para trás.

“Paez venceu por pura força de vontade: 1200 camponeses e índios – descalços, só de tanga, armados com flechas e lanças – haviam investido contra 4.000 veteranos das Guerras Napoleônicas bem equipados e garbosamente uniformizados. Tinham passado a perna nos hussardos espanhóis com o uso de fogo, poeira, vento e uma ferocidade aterrorizante, fazendo-os se espalhar pelas campinas em chamas como um rebanho de ovelhas. Foi uma vitória marcante, que tornou Páez famoso. Suas fileiras logo se avolumaram com homens querendo combater sob o seu estandarte e participar do butim tomado dos espanhóis. (Arana , ibid. p.216)”

Mas como Bolívar, membro nato da aristocracia mantuana, iria se relacionar com um exercito de cavaleiros que, não obstante sua eficácia de combate, vivia o seu dia nas condições mais espartanas possíveis? Uma ideia disso transmite o seguinte texto de Marie Arana (p. 220,221)

“Bolívar acabou por ganhar o respeito e a afeição daqueles cavaleiros sem lei, ainda que se possa facilmente imaginar suas desconfianças iniciais. Ele era um homem de fino trato da cidade, um sujeito que usava camisas brancas imaculadas e água de colônia europeia mesma quando saía em manobras. Era um produto da classe social que mais detestavam, mas também era um produto do invulgar ensino de Simón Rodríguez, com todas as suas glorificações do homem natural. Não demorou que os cavaleiros de Páez descobrissem que seu novo líder era um excelente nadador, um montador, um caminhante incansável, alguém capaz de competir com eles 4 todas as brincadeiras estúpidas que eles gostavam. Certa \ saltou dentro de um rio com as mãos amarradas atrás uas costas e jurou que mesmo desse jeito conseguiria nadar mais rápido do que qualquer desafiante. Ao ver seu ajudante de ordens saltar da sela por cima da cabeça do cavalo e pousar

firme sobre os dois pés, quis fazer o mesmo e realmente conseguiu, ainda que isso tivesse lhe custado várias tentativas de alguns dolorosos fracassos. “Confesso que fiz uma loucura”, disse ele, “mas na época eu não queria que ninguém dissesse que me superava em agilidade, nem que (...) fazia algo que não pudesse fazer. Não creia que isso seja inútil para o homem que mando nos demais.”

Essa espantosa facilidade, pela qual Bolívar conseguiu ganhar mentes e corações dos seus comandados era essencial para a construção de um exército novo¹, fundamentado na perspectiva da expulsão dos espanhóis da América do Sul e na independência política do subcontinente.

Na realidade, a iniciativa militar acabou se tornando um amalgamo para integrar diversos estratos de um povo que, em sua Carta de Jamaica de setembro de 1815, o Libertador tinha descrito como uma raça nitidamente nova que *nem índio, nem pardo e nem europeu*, é. Mas que, depois de Boyacá, se afirmou nas batalhas de Carabobo (24 de junho de 1821), de Pichincha (24 de maio 1822), de Junin (6 de agosto 1824) e de Ayacucho (9 de dezembro 1824), alcançando, assim, um elenco de vitórias que encerrou definitivamente o domínio espanhol na América do Sul².

Diante do seu êxito no campo militar, o mundo ocidental começava a referenciar Bolívar como um “George Washington da América do Sul” (Arana p. 347).

¹ Na própria Europa, este desafio já tinha sido enfrentado por Oliver Cromwell (1599 – 1658) que, durante a revolução inglesa, criou um novo tipo de exército que, constituído em grande parte por voluntários, excluiu do comando os lordes, criando um sistema de avaliação do desempenho dos soldados e oficiais que se baseava no princípio do mérito pessoal. E foi trabalhado especialmente numa França republicana, onde a ideia do soldado cidadão politizado se tornou referencial das campanhas militares que o governo revolucionário de Paris organizou contra os exércitos invasores da reação do Velho Continente.

² “Malgrado suas idiossincrasias, - escreve Marie Arana (ibid p. 334) sobre as tropas patriotas antes da batalha de Junín no Alto Perú em 6 de agosto em 1824 – era um exército brilhantemente preparado e Bolívar se envaidecia com a visão daqueles 9 mil soldados disciplinados - completamente trajados e armados – serpenteando sobre aquelas terras inclementes. Alguns vinham de lugares tão longínquos quanto Caracas, Buenos Aires ou Liverpool, e tinham combatido em Boyacá, em Maipú ou na batalha de Borodino, de 1812. Extensas colunas de índios marchavam atrás carregando suprimentos nos ombros. Em seguida, ate onde a vista alcançava, vinha uma ondulante massa de seis mil cabeças de gado. Era uma sólida máquina de guerra: treinada, equipada, conservada em bom estado. Para Sucre, ela se afigurava como a melhor força patriota que já combatera na América. Para Bolívar, que se deliciava em se sentar com os seus oficiais na hora das refeições e brindar livremente as suas façanhas, era um exército que ele amava de maneira irrestrita.”

Contudo, por mais que o Libertador possa ter se sentido lisonjeado com esta comparação. O que ela negligenciava era um dado de suma importância: Diferentemente do líder americano Bolívar precisava implementar o projeto da emancipação política numa *colônia de exploração* que, desde o *longo século XVI* (F. Braudel), tinha sofrido massacres e saques de conquistadores europeus que fizeram com que, entre os povos conquistados da América do Sul, “mesmo as suas camadas mais lúcidas (...) aprendiam a ver a si mesmas (...) como uma subumanidade destinada a um papel subalterno, por serem intrinsecamente inferiores à europeia (Ribeiro, 2007, p. 73).” Enfrentar nestas condições a guerra da independência era, obviamente, muito mais difícil do que numa *colônia de ocupação*, onde os próprios colonos anglo-americanos, em sua grande maioria, se enxergavam por bastante tempo como representantes de um Império Britânico que eles mesmos entenderam como meio adequado para a sua própria expansão territorial no Novo Mundo (Kagan 2006)³.

Sabemos que o sonho do Libertador de formar uma confederação sul-americana em torno dos territórios que tinham sido dominados pela Espanha, desmoronou antes de sua própria morte. Acabou sendo substituído pela criação de Estados nacionais, conduzidos por regimes oligárquicos que

--- consolidavam a inserção de seus países na divisão internacional de trabalho como meros fornecedores de matérias primas do setor mineral e da agricultura tropical;

--- adotavam a identidade cultural do passado colonial e

³ Esta expectativa tinha sido alimentada especialmente durante a Guerra dos Sete Anos (1756 – 1766), na qual a vitória do Reino Unido contra a França em solo americano gozou do apoio maciço de uma população de *english settlers* que da mesma maneira em que dobrava o seu PIB vinte vezes ao ano aumentava a sua vontade de expandir o seu domínio territorial. E na medida em que os colonos começavam a ver uma não correspondência entre o seu peso econômico e a opção de iniciar maiores voos políticos correspondentes aos seus próprios interesses, eles iniciavam com o grito de guerra contra a pátria - mãe um jogo político-militar que, dificilmente, iriam perder. Por outro lado, é bom lembrar que nos EUA, após a independência, conviveu o embrião de uma democracia liberal com um sistema de produção escravista que, durante as primeiras décadas do século XIX, devido ao aumento da demanda pelo King Cotton por parte da indústria têxtil no Reino Unido, fortaleceu a sua posição relativa no contexto da economia nacional. Contudo, por mais que este desenvolvimento indica a consolidação de uma segunda escravidão (Blackburn2016, Dale Tommich 2016) nos EUA, os seus respectivos protagonistas políticos, situados, especialmente no deep and upper South, não tinham condição nenhuma para abortar a dinâmica de um acelerado processo de industrialização que estava tomando conta do país a partir de sua região Norte.

--- tratavam as massas populares, sobretudo as de origem indígena e africana, como bodes expiatórios dos problemas sociais e econômicos das novas repúblicas.

Enfim, regimes que perpetuavam com a *ambição senhorial* uma disposição sócio-cultural que tinha sido introduzida na América Latina pelos agentes do colonialismo europeu. Ou como escreve Ugo Pipitone (1995, p. 24, destaque T.M.):

“El aventurero europeo, con algún dinero o con algunas conexiones políticas, embarcado em algun puerto de Europa hacia América do Sul, em el momento de subir al puente de barco (com consciência o sin ella) portador de uma cultura de producción, sagacidade comercial e espíritu de trabajo y ahorro. Desembarcado em Pernambuco o em Veracruz, ya se había convertido em outra cosa. El viaje atlántico havia producida una regresión histórica: bajado em los muelles del Novo Mundo, el europeo rico (em dinero o em relaciones) redes cubría em sí mismo, una, evidentemente nunca del todo dormida, **ambición senhorial**. Ya no era símbolo de riqueza em busca de poder sino del poder em busca de las bases materiales de su eternización.”

III

Ousamos de resumir a singularidade da trajetória da América Latina na época moderna nos seguintes termos: Se apresenta como primeira região ultramarina, inserida forçadamente num sistema político-econômico internacional que ganhou forma a partir do “longo século XVI” (F. Braudel).

Como território colonizado foi, também, o primeiro que alcançou a sua independência política na fase da passagem do imperialismo ibérico para a *Pax Britânica*.

Durante a interrupção dos fluxos do comércio internacional, causada pelas duas guerras mundiais, se destacou pelas suas políticas de substituição de importações.

A partir dos anos sessenta do século passado, início de um processo acelerado de internacionalização do capital produtivo e financeiro, transformou-se no “primeiro laboratório de teste da Escola de Chicago”(Klein 2007, p. 634).

E nos anos da virada para o século XXI acabou surpreendendo o mundo com a eleição de Presidentes como Hugo Chaves na Venezuela, Luís Inácio Lula da Silva no Brasil, Nestor Kirchner na Argentina, Evo Morales na Bolívia ou Rafael Correia no Equador que se posicionavam contra as credices do fundamentalismo de mercado.

Entretanto, por mais que os governos dos mencionados presidentes tenham implementado em seus respectivos países relevantes programas de *poverty alleviation*, a drástica queda dos preços dos *commodities* trouxe a tona a insustentabilidade social e ambiental de regimes político-econômicos que apostaram todas as suas fichas em estratégias neodesenvolvimentistas meramente miméticas, ancoradas primordialmente na comercialização de produtos naturais com baixos níveis de agregação de valor e na integração de crescentes setores das classes populares nos mercados de consumo para produtos duráveis. Considerando que o esgotamento deste ciclo político fez voltar especialmente para as classes populares do subcontinente os pesadelos da “longa noite neoliberal” – algo que Rafael Corrêa, economista e Presidente do Equador entre 2007 e 2017, achava que tivesse sido superado durante a época pós-neoliberal sul-americana - colocamos na mesa do debate a necessidade imperiosa de caminhar na América Latina com firmeza na direção de uma **SEGUNDA INDEPENDENCIA**. Uma segunda independência – como cabe destacar - que precisa girar em torno da valorização de sua (ainda) extraordinária sócio- e biodiversidade, por sua vez condição *conditio sine qua non* para chegar minimamente perto de uma relação mais equilibrada entre economia e ecologia. (Sachs 2006, Mitschein, Lima, Imbiriba 2016),

Estamos convencidos que uma empreitada desta natureza exigirá uma potencialização quase ilimitada da criatividade humana envolvida.

Contudo, considerando que este desafio, *mutatis mutandis*, se levantava 100 anos atrás, aliás através das formas mais dramáticas possíveis para o exercito do Libertador, fazemos questão de encerrar este texto com a apresentação de uma engenhosidade militar, inventada, digamos como uma espécie de tecnologia

apropriada, por parte dos cavaleiros dos *LLanos* venezolanos pouco tempo antes da Batalha de Boyacá.

“Bolívar e Paez passaram uns dias juntos, discutindo a campanha para levar a revolução ao oeste. O problema mais imediato era conduzir o exército de Bolívar para o outro lado do rio Apure. Ele fora para San Juan de Payara com 3 mil homens, um terço deles a cavalo. Não tinham embarcações, nenhuma madeira para construí-las, nenhum almirante para transportá-los através daquele afluente do Orinoco, que, ate onde podiam ver, estava sob estrita guarda de quatro navios espanhóis. Em 6 de fevereiro, quando Bolívar e Paez estavam inspecionando o rio, contemplando aquele beco sem saída, Paez, de repente se virou para Bolívar e lhe disse, de maneira animada, que não se preocupasse e se pusesse em marcha: ele forneceria as embarcações. “Mas onde é que as tem, homem?”, perguntou Bolívar, pasmo. Paez replicou que estavam bem ali à vista do outro lado do rio; os navios inimigos enfileirados diante deles. “É de que modo podemos nos apoderar deles,” quis saber Bolívar. “Com Cavalaria.” Bolívar se irritou:” Onde está essa cavalaria de água? Porque com a de terra não se pode operar tal milagre.” Paez convocou uma companhia de cinquenta homens, que cavalgaram agilmente ate a margem do rio com as cilhas soltas. Quando os exortou a trazer as embarcações, os homens largaram as selas no chão, empunharam as lanças e com altos brados se lançaram rio adentro. Postos em alerta, os sentinelas espanhóis reagiram com alguns disparos de canhão. Ficaram, no entanto, tão apavorados ao ver aquela horda feroz sulcando as águas, espantando os jacarés, trepando em suas embarcações de qualquer jeito, que mergulharam no rio em direção à outra margem. Para pasmo de Bolívar – pois achava que seus homens seriam destruídos -, os montadores de Paez conseguiram tomar as quatro embarcações. Depois disso, os exércitos deles não tiveram nenhuma dificuldade para irromper na Guarnição. Ao final da operação, haviam capturado catorze barcos e um estoque de munição. (Arana, *ibid.*p.119,220)”.

Referenciais bibliográficas

ARANA, M. **Bolívar**. O Libertador da América. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos Negros**. São Paulo: Boitempo, 2000.

KAGAN, R. **Dangerous Nation**. New York: Alfred A. Knopf, 2006.

KLEIN, N. **Die Schocktherapie**. Der Aufstieg des Katastrophenkapitalismus. Frankfurt am Main, S. Fischer, 2007.

MITSCHEIN, T.; LIMA, A. P. **A Reinvenção da Amazônia**: Divisor de Águas para o Futuro do Brasil e de seus Vizinhos Sul-americanos. Belém: IEMCI/ UFPA, 2015.

PIPITONE, U. **La Salida del atraso**. Um estúdio histórico comparativo. México: Fondo de Cultura, 1995.

RIBEIRO, D. **As Américas e a civilização**. Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SACHS, I. **Ruma à ECOSOCIOECONOMIA**. Teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez Editora, 2007.